

**REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS: CONTRIBUIÇÕES PARA O CAMPO DA
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

***EPISTEMOLOGICAL REFLECTIONS: CONTRIBUTIONS TO THE FIELD OF
HISTORY OF EDUCATION***

***REFLEXIONES EPISTEMOLÓGICAS: CONTRIBUCIONES AL CAMPO DE
LA HISTORIA DE LA EDUCACIÓN***

Laís Paula de Medeiros Campos Azevedo

laispaulamedeiros@gmail.com

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Nara Lidiana Silva Dias Carlos

naralid7@gmail.com

Mestre em Educação pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Olívia Moraes de Medeiros Neta

olivianeta@gmail.com

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

Tendo como ponto de partida os fundamentos filosóficos das ciências, este artigo se propõe a discutir o desenvolvimento histórico da ciência com base em alguns conceitos que integram o pensamento de Gaston Bachelard (1978) e Thomas Kuhn (1987), articulando-os com a noção de campo científico de Pierre Bourdieu (2002; 2004). A partir deste diálogo, nos voltamos especificamente para o campo da História da Educação e, nesse sentido, discutimos a produção do conhecimento com base na perspectiva de Michel de Certeau (1982; 2017). Este autor contribui para a nossa discussão, sobretudo, a partir da tríade composta por lugar de fala, prática e escrita. Este estudo utilizou como metodologia a revisão bibliográfica. A pesquisa em história se constrói a partir de caminhos específicos. Assim, o modo como compreendemos a História da Educação e a produção do conhecimento devem integrar a base teórica das pesquisas neste campo científico, permeando todo o processo investigativo.

Palavras- Chave: Campo científico. Epistemologia. História da Educação.

ABSTRACT

Taking as a starting point the philosophical foundations of science, this article aims to discuss the historical development of science based on some concepts that integrate the thought of Gaston Bachelard (1978) and Thomas Kuhn (1987), articulating them with the notion from the scientific field of Pierre Bourdieu (2002; 2004). From this dialogue, we turn specifically to the field of History of Education and, in this sense, we discuss the production of knowledge from the perspective of Michel de Certeau (1982; 2017). This author contributes to our discussion, above all, from the triad composed of place of speech, practice and writing. This study used the literature review methodology. The investigation of history is based on specific paths. Therefore, the way we understand the History of Education and the production of knowledge must integrate the theoretical bases of research in this scientific field, permeating the entire research process.

Keywords: Scientific field. Epistemology. History of Education.

RESUMEN

Tomando como punto de partida los fundamentos filosóficos de la ciencia, este artículo tiene como objetivo discutir el desarrollo histórico de la ciencia a partir de algunos conceptos que integran el pensamiento de Gaston Bachelard (1978) y Thomas Kuhn (1987), articulándolos con la noción del campo científico de Pierre Bourdieu (2002; 2004). De este diálogo, nos dirigimos específicamente al campo de la Historia de la Educación y, en este sentido, discutimos la producción de conocimiento desde la perspectiva de Michel de Certeau (1982; 2017). Este autor contribuye a nuestra discusión, sobre todo, desde la tríada compuesta por lugar de discurso, práctica y escritura. Este estudio utilizó la metodología de revisión de la literatura. La investigación de la historia se basa en caminos específicos. Así, la forma en que entendemos la Historia de la Educación y la producción de conocimiento debe integrar las bases teóricas de la investigación en este campo científico, permeando todo el proceso investigativo.

Palabras Clave: Campo científico. Epistemología. Historia de la educación.

INTRODUÇÃO

Este ensaio é fruto das reflexões acerca da construção da ciência enquanto um espaço de poder que se modifica a depender do contexto histórico e político por ela vivenciado. Na busca por compreender, mesmo que de modo incipiente, sobre ciência e sobre produção do conhecimento de forma articulada com os fundamentos filosóficos, percorremos diferentes concepções epistemológicas, nos dedicando a alguns dos pensamentos de autores como Thomas Kuhn, Gaston Bachelard, Pierre Bourdieu, entre outros.

As ciências, no plural, podem conduzir a diferentes caminhos. Nesse sentido, destacamos a importância do olhar acerca do contexto sócio, econômico e histórico em que as teses são produzidas e as especificidades inerentes ao campo científico.

Notadamente, este olhar é também norteado pelo lugar no qual desenvolvemos nossas pesquisas, pois este é influenciado pelas instituições e grupos de pesquisas dos quais fazemos parte. Dessa forma, as concepções que perpassam a educação e, especificamente, a História da Educação, nos conduzem a perceber de forma diferenciada esse debate sobre a ciência e a filosofia. Diante da diversidade de pensadores, de conceitos e teorias, nos aproximamos daqueles cujos pensamentos dialogam com os nossos estudos, escolhendo como interlocutores Michel de Certeau e Pierre Bourdieu.

Nessa perspectiva, nosso objetivo neste ensaio é estabelecer aproximações entre as concepções epistemológicas de Gaston Bachelard e Thomas Kuhn, propondo um diálogo com o pensamento de Pierre Bourdieu e Michel de Certeau, no intuito de identificar de que modo podemos compreender a produção do conhecimento no campo da história da educação.

Assim, este texto está dividido em dois momentos. Inicialmente, nos dedicamos ao desenvolvimento histórico da ciência com base em alguns conceitos que integram o pensamento de Gaston Bachelard e Thomas Kuhn. A partir dessa compreensão, nos questionamos acerca das delimitações do

campo científico e, neste sentido, nos pautamos, principalmente, nas deliberações de Bourdieu em sua obra “Os usos sociais da ciência”, elaborado a partir de conferência e debate organizados em Paris no ano de 1997.

Em um segundo momento, buscamos apreender de que modo Michel de Certeau pensa a produção do conhecimento, especificamente no campo da história. Para esta reflexão, baseamo-nos em duas de suas principais obras: A Invenção do Cotidiano 1 - Artes de Fazer, publicada em 1980; e A Escrita da História editado na França, em 1975, e publicado no Brasil pela Forense Universitária, em 1982. Ao final do texto, teceremos algumas considerações com base no exposto.

BACHELARD, KUHN E BOURDIEU – O PROGRESSO DA CIÊNCIA E O CAMPO CIENTÍFICO

Pensar sobre a filosofia das ciências nos conduz a estudar o conhecimento a partir da visão deste enquanto objeto, tentar perceber de que forma este é construído e quais são as regras intrínsecas à sua produção e que possibilitam a sua transformação. Com base em uma perspectiva histórica do pensamento científico, evidencia-se que, paulatinamente, as concepções sobre ciência se ampliaram na tentativa de superar uma visão linear, rígida e universal, articulando os conhecimentos teóricos e práticos.

Destacamos, entretanto, que é importante reconhecer as contribuições das teorias desenvolvidas pelos pensadores das ciências desde o século XVI. Nesse sentido, as reflexões realizadas por Martins (2004) e Ferreira; Martins (2010) acerca da epistemologia em Gaston Bachelard fornecem elementos importantes para este estudo.

Conforme apontado por Martins (2004), a epistemologia de Bachelard se revela como uma epistemologia histórica e racionalista. Histórica, pois considera a história da ciência como fundamental na construção de sua

fundamentação. Na perspectiva desse autor, é o olhar do presente que permite compreender o progresso científico a partir dos erros encontrados no passado. Desse modo, Bachelard compreende “a verdade de hoje como uma retificação histórica de um erro de ontem. À medida que o conhecimento científico evolui, progride, pensamentos são retificados” (MARTINS, 2004, p. 18).

Racionalista, pois Bachelard se opõe ao pensamento empirista, sem, contudo, localizar suas ideias em uma perspectiva extrema oposta. Martins (2004) considera seu pensamento como situado em um ponto intermediário entre o racionalismo e o empirismo, destacando a relação entre a experiência e o raciocínio, mas sempre no movimento do racional para o real. Bachelard propõe um racionalismo aplicado, fundado numa realidade social, que deve ser ativo e prospector e que não pode ser válido para todas as experiências e em todas as épocas, rejeitando assim uma pretensão universalista.

Ferreira; Martins (2010) destacam que, embora Bachelard tenha desenvolvido suas principais teses entre as décadas de 1930 e 1940, seu pensamento se revela extremamente atual e apresenta contribuições para o campo científico. Consideramos que dois dos conceitos por ele construídos propiciam contribuições para a perspectiva que adotamos neste trabalho, as noções de obstáculo epistemológico e de perfil epistemológico, especificamente o pluralismo filosófico.

Para Bachelard (1978), a produção do conhecimento científico é um processo marcado por rupturas e pela tentativa de superação dos obstáculos epistemológicos, o erro é considerado positivo e mesmo parte importante neste processo, vinculado ao processo de conhecer. Segundo Martins (2004, p. 21), “hoje, os objetos da ciência já não são dados, são construídos” e se configuram como objetos teóricos e como representações do real, mas essa abstração é dificultada por preceitos, valores, sensações e hábitos do sujeito, individual e coletivamente, que se configuram como obstáculos.

Nessa perspectiva, o conhecimento científico “aproximar-se-ia cada vez mais da verdade – mas nunca a alcançando – corrigindo e retificando erros (dialética erro-verdade), num processo de natureza descontínua” (FERRREIRA; MARTINS, 2010, p. 05).

Com base nessa visão, Bachelard propõe um pluralismo filosófico. Para ele, uma filosofia plural que toma emprestado elementos desligados de seus sistemas mais gerais possibilitaria a compreensão do desenvolvimento científico. É esta noção que justifica a existência de um perfil epistemológico que compreende o encontro de diferentes doutrinas filosóficas no sujeito, em diferentes graus.

Para nos aproximarmos da compreensão da epistemologia bachelardiana é importante ainda considerarmos o seu entendimento do progresso da ciência pautado em uma “filosofia do não” que, de acordo com Martins (2004, p. 29), denota que:

o avanço do conhecimento dá-se *contra* um conhecimento anterior, negando-o. Um “não”, porém, nunca é definitivo, porque o reconhecimento e afastamento dos erros, que a psicanálise do conhecimento objetivo representa, permite “alargar” esse mesmo conhecimento, recuperá-lo sob nova ótica. [...] que não pretende caracterizar uma continuidade entre os pensamentos anterior e posterior. Não se trata de manter uma estrutura (algo como um “núcleo teórico”) e fazê-la crescer, de modo contínuo, até que se atinja o novo conhecimento (mais amplo). O processo é *descontínuo*, envolve ruptura (Grifo do autor).

Nesse contexto, é possível realizarmos o diálogo entre o pensamento de Bachelard e de Thomas Kuhn, que compreende o desenvolvimento científico como um processo de sucessivas rupturas e revoluções. Thomas Kuhn desenvolve suas teorias em um momento histórico marcado fortemente pelo impacto do conhecimento científico no meio social e pelas críticas que surgem, principalmente, após a segunda guerra mundial.

Conforme apontado por Ferreira; Martins (2010), a obra “A Estrutura das Revoluções Científicas”, publicada no ano de 1962, representou um marco

revolucionário no campo da Filosofia da Ciência. Nesta obra, Kuhn defende que “o desenvolvimento da ciência não se dá de uma forma linear, contínua e cumulativa [...]. O “desenho mágico” da ciência emerge de um processo em que há lugar para rupturas, crises e revoluções” (FERREIRA; MARTINS, 2010, p. 04).

Thomas Kuhn (1987) apresenta alguns conceitos chave de seu pensamento, dentre os quais se destaca o de paradigma e que, conforme ele aponta, pode ser compreendido a partir de dois sentidos diferentes em sua obra. Para ele, o paradigma:

de um lado, indica toda a constelação de crenças, valores, técnicas, etc. partilhadas pelos membros de uma comunidade determinada. De outro, denota um tipo de elemento dessa constelação: as soluções concretas de quebra-cabeças que, empregadas como modelos ou exemplos podem substituir regras explícitas como base para a solução dos restantes quebra-cabeças da ciência normal (KUHN, 1987, p. 218).

Desse modo, Kuhn (1987) compreende o processo de evolução da ciência com base na ruptura com os paradigmas aceitos nas comunidades científicas. O paradigma só é modificado diante uma anomalia que poderá gerar uma revolução científica e o surgimento de um novo paradigma por meio da ruptura com o velho. Ferreira; Martins (2010, p. 11) consideram que “Kuhn enfatiza o caráter de ruptura presente no desenvolvimento da ciência, compreendendo-o como uma sequência de períodos de ‘ciência normal’ intercalados por ‘revoluções científicas’”.

Na exposição do seu pensamento, percebemos a relação entre o paradigma e os membros da comunidade que o partilham. Gaston Bachelard também destaca o aspecto coletivo e a existência de uma ciência socializada que exerce um controle social. Segundo Ferreira; Martins (2010, p. 6) “sob o olhar do “outro” é que se funda a objetividade, para Bachelard”. Destarte, é

em Thomas Kuhn que encontramos o conceito e a discussão acerca da comunidade científica.

Na perspectiva de Kuhn (1987, p. 220), “uma comunidade científica é formada pelos praticantes de uma especialidade científica”. Este autor elenca alguns aspectos que caracterizam a comunidade científica, como o fato dos membros partilharem uma mesma literatura e que esta, de certo modo, delimita a construção e a análise dos objetos de estudo; em geral, os membros partilham o mesmo objeto de pesquisa, mesmo que a partir de pontos de vista diferentes e às vezes divergentes; existem diferentes níveis das comunidades, uma comunidade mais global e os níveis inferiores ou subgrupos; e existem condições próprias que possibilitam o pertencimento a uma comunidade.

Evidenciamos que estes aspectos que caracterizam a comunidade científica na visão de Thomas Kuhn podem ser percebidos em diferentes áreas, e podem ser discutidos a partir de uma perspectiva mais ampla, relacionados a compreensão da configuração do campo científico. Nesse intuito, buscamos dialogar com o pensamento do sociólogo Pierre Bourdieu. Notadamente, o conceito de campo desenvolvido por Bourdieu tem sido utilizado amplamente no âmbito da educação.

Bourdieu (2004, p. 20) expõe que sua noção de campo diz respeito ao “universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas”.

É importante percebermos que essa noção geral de campo denota ao mesmo tempo o que é semelhante, mas principalmente que o campo é marcado por princípios de organização, regras e hierarquias que são próprios de cada campo. Este microcosmo social possui uma estrutura de relações entre sujeitos e instituições que, apesar de sofrer a influência das leis que regem a sociedade como um todo, é marcada pela lógica do campo.

Para este autor, “todo campo [...] é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (BOURDIEU, 2004, p. 22-23). Existem lutas pelas permanências no campo e, sobretudo, pelas posições que os agentes ocupam, pela manutenção do status de autoridade científica e na busca pelo acúmulo de capital científico no e pelo campo.

Nesse contexto, Bourdieu aponta que:

Os agentes sociais estão inseridos na estrutura e em posições que dependem do seu capital e desenvolvem estratégias que dependem, elas próprias, em grande parte, dessas posições, nos limites de suas disposições. Essas estratégias orientam-se seja para a conservação da estrutura seja para a sua transformação, e pode-se genericamente verificar que quanto mais as pessoas ocupam uma posição favorecida na estrutura, mais elas tendem a conservar ao mesmo tempo a estrutura e a sua posição (BOURDIEU, 2004, p. 29).

É importante ressaltar que o capital científico, na concepção de Bourdieu (2004, p.26) se refere a uma “espécie particular do capital simbólico (o qual, sabe-se, é sempre fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento) que consiste no reconhecimento (ou no crédito) atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo”. Desse modo, a inserção e a permanência do agente no campo é validada tanto pelas suas ações quanto pelo reconhecimento dos pares.

Bourdieu (2004) destaca essa necessidade de pertencimento ao campo relacionando a existência de um jogo científico possuidor de regras e que define também os objetos de pesquisa que são interessantes, que se tornam dignos de investimento por parte do pesquisador/cientista. Apreende-se a partir do exposto pelo autor que esse jogo é permeado por relações de força, por relações sociais de poder, de luta e de concentração de capital e monopólio, neste caso relativo aos objetos de estudo e às teorias.

Nessa perspectiva, percebemos que a maneira como o campo científico se organiza permite e delimita de certo modo os avanços das pesquisas,

restringindo o que adquire destaque como objeto importante de estudo. Diante dessa rigidez do campo, o próprio Bourdieu ressalta que “é preciso muitas vezes, para se fazer ciência, evitar as aparências da cientificidade, contradizer mesmo as normas em vigor e desafiar os critérios correntes do rigor científico” (BOURDIEU, 2002, p. 42).

Nesse sentido, percebemos a possibilidade de articulação entre o exposto por Bourdieu e as noções desenvolvidas por Michel de Certeau que apresentaremos sinteticamente no próximo ponto.

MICHEL DE CERTEAU – ESTRATÉGIAS, TÁTICAS E A ESCRITA DA HISTÓRIA

Na primeira parte deste ensaio, buscamos compreender de que modo ocorre o desenvolvimento da ciência, destacando que este não é um processo linear e contínuo, mas marcado por rupturas e descontinuidades. A produção do conhecimento, na visão dos autores que possibilitaram a nossa reflexão nesse estudo, denota a necessidade de que esta seja percebida a partir de um contexto, sócio, político, econômico e histórico. Esta produção obedece à normas e regras específicas relacionadas a uma comunidade científica, localizadas em um campo.

Diante do exposto e ao direcionarmos nossa discussão para o campo em que desenvolvemos nossas pesquisas, buscamos responder, nesse ponto, como podemos pensar essa produção do conhecimento na História da Educação? Vidal e Silva (2020) chamam atenção para a necessidade e o desafio de se discutir aspectos relacionados com os lugares de enunciação do historiador e que estes devem ser enfrentados por aqueles que querem produzir conhecimento na história da educação. Esses autores ainda destacam:

Afinal, tanto as potencialidades como os destaques dos limites e os silêncios de uma análise falam das opções, seleções, critérios e ângulos que foram privilegiados por uma ou outra operação historiográfica (Certeau, 1988). Nesta linha, trazer para o primeiro plano os ajustamentos e a angulação da lente refletora utilizada, muito mais do que um movimento metafórico, sinaliza a preocupação de explicitar o arsenal de precauções teórico-metodológicas mobilizadas com o objetivo de construir interpretações para tempos passados.

Neste sentido, compreendemos que Michel deCerteau nos fornece os subsídios para pensar essa epistemologia na história da educação. Inicialmente, é importante ressaltar que os conceitos desenvolvidos por Michel de Certeau podem ser considerados como parte da tentativa de uma ruptura, da forma como se pensa a produção do conhecimento científico. Michel de Certeau integra um grupo de pensadores que, a partir da segunda metade do século XX, vai refletir sobre a história numa perspectiva cultural que enfatiza as práticas e o papel do sujeito, do homem ordinário nessa construção.

Na sua obra *A Invenção do Cotidiano* (1980), Certeau propõe uma inversão de perspectiva e uma antidisciplina. Ainda que reconheça a existência de estruturas de poder que buscam a uniformidade e o controle, Certeau destaca a importância das práticas cotidianas do homem ordinário. Nesse contexto, o autor que é considerado um intelectual das margens, dedica o seu estudo para os procedimentos populares, para as maneiras de fazer, minúsculas e cotidianas que “jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los” (CERTEAU, 2017, p. 40).

Esses são modos de reinvenção e de reapropriação dos espaços e das práticas culturais que Certeau irá explicitar melhor por meio dos conceitos de estratégia e de tática. O estudioso aponta que:

Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações como uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou

concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.) (CERTEAU, 2017, p. 93).

As estratégias são ações vinculadas a um lugar de poder que buscam estabelecer uma ordem. Diante destas, o homem ordinário inventa diferentes artes de fazer, desenvolve astúcias sutis que burlam e manipulam, as quais Certeau denomina de táticas. As táticas, ao contrário da estratégia, são marcadas pela ausência de um próprio. Desse modo, Certeau aponta que “a tática não tem lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha”. O autor acrescenta ainda que “a tática é movimento ‘dentro do campo de visão do inimigo’ [...] e no espaço por ele controlado” (CERTEAU, 2017, p. 93).

Certeau desloca assim a atenção da pesquisa não para aqueles que são considerados os produtores e distribuidores da indústria cultural, mas, principalmente, para aqueles que são os receptores, ressaltando que eles não são passivos, mas que criam e reinventam novas formas de fazer e produzir um outro conhecimento que não aquele que é imposto. Essa mudança de perspectiva permite a valorização do sujeito, inclusive no âmbito da educação e da escola que é notoriamente considerada como reprodutora ordem vigente.

Nessa perspectiva, a título de exemplo, consideramos que a pesquisa em História da Educação que se dedicar a história da escola, pode assumir como objeto não apenas os responsáveis pela sua organização, diretores, legisladores, mas se voltar para as práticas dos professores, para as marcas da cultura escolar, para os registros dos alunos.

O pensamento de Michel de Certeau adquire relevância para o campo da história, especialmente quando ele passa a refletir sobre como se produz história. Ao pensar a história como a produção de um discurso sobre o real, este autor inaugura a operação historiográfica diferenciando a história da escrita sobre a história, que é a historiografia.

Em sua obra “A Escrita da História”, Michel de Certeau busca compreender o fazer história associando a prática ao discurso, e compreendendo que esta é sempre dirigida por uma leitura do presente. Para Certeau (1982, p. 45) “fundada sobre o corte entre um passado, que é seu objeto, e um presente, que é o lugar de sua prática, a história não pára de encontrar o presente no seu objeto, e o passado, nas suas práticas”. É com base nessa compreensão que Certeau vai pensar a epistemologia da história pautada na combinação de três aspectos: o lugar social, as práticas científicas e a escrita.

Para Certeau (1982, p. 65), “toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural [...] está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade”. Este lugar social se associa a uma instituição e delimita os interesses, os métodos, os limites do discurso, daquilo que pode ser dito e aquilo que é aceito pela comunidade científica. Assim, os próprios temas e objetos de pesquisa emergem dentro de um contexto e ligado a interesses.

Nesse sentido, Certeau (1982, p. 71) ressalta “o que é uma ‘obra de valor’ em história? Aquela que é reconhecida como tal pelos pares”. É a instituição, o lugar de fala do pesquisador que acaba por permitir um tipo de produção científica enquanto proíbe outras, validando o trabalho do pesquisador.

Para Certeau (1982), fazer história é uma prática. E, nesse sentido, o autor se refere a um aspecto mais pragmático da operação historiográfica. A pesquisa em história se constrói a partir de caminhos específicos. O estudioso aponta que é na fronteira entre o dado e o criado que ocorre a pesquisa. Aponta ainda que “de resíduos, de papéis, de legumes, até mesmo das geleiras e das “neves eternas, o historiador *faz outra coisa*: faz deles a história” (CERTEAU, 1982, p. 78, grifo do autor).

No campo da história, o pesquisador constrói sua prática a partir de documentos. No contato com as fontes, existe também um deslocamento, ao separar, isolar e reunir, o pesquisador também produz as fontes.

Por fim, Certeau (1982) se refere propriamente à escrita, que na sua visão é uma representação que ocorre forma articulada com o lugar social e a uma prática. Essa escrita, na visão do autor, é definida por uma inversão, pois “a primeira imposição do discurso consiste em prescrever como início aquilo que na realidade é um ponto de chegada”. O texto impõe limites e, desde a introdução, é marcado pelo seu término, o presente que é postulado no discurso historiográfico. A escrita é também marcada pela referência às fontes, pelas citações que comprovam o discurso e lhe conferem o status de autoridade e, principalmente, de credibilidade ao relacionar seu lugar social a uma exterioridade do discurso.

BREVES CONSIDERAÇÕES

Conforme nos aponta Certeau (1982, p. 93), “enquanto a pesquisa é interminável, o texto deve ter um fim”. Assim, nos limites deste ensaio, nos propomos a discutir brevemente alguns conceitos de intelectuais que refletiram acerca do desenvolvimento da ciência e da produção do conhecimento.

As concepções científicas se revelam transitórias e mutáveis. Conforme aponta Martins (2004, p. 15) “o próprio desenvolvimento da ciência, permitindo diversas leituras, desautoriza a ideia de uma epistemologia ‘verdadeira’”. Nesse sentido, é possível pensar o conhecimento científico não de modo a abandonar completamente as ideias anteriores, mas de perceber a possibilidade de aproximação entre diferentes concepções.

Ao expor alguns dos conceitos desenvolvidos por Bachelard, Kuhn, Bourdieu e Certeau, percebemos aproximações, sobretudo, no que se refere a configuração do campo científico no qual o pesquisador desenvolve seu

trabalho. Notadamente, este lugar social é marcado por relações de interesses, ele é ideológico e político. No entanto, apreendemos com Certeau (2017) que existem possibilidades de fuga, as táticas são as pequenas astúcias que permitem ao pesquisador burlar estas imposições do campo.

Compreendemos que o progresso científico deve ser perpassado pelo constante questionamento acerca dos paradigmas e dos princípios que regem o campo científico. É preciso, assim, questionar a busca por um saber definitivo e universalista, as formas rígidas de fazer ciência e de fazer pesquisa no campo da história da educação.

Refletir sobre estes aspectos nos conduz a relevância de pensarmos os nossos objetos de estudo e fundamentarmos nossas pesquisas epistemologicamente. O modo como compreendemos a história e o modo de produção do conhecimento neste campo científico devem integrar a base teórica de nossas investigações.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A Filosofia do Não**. Coleção Os Pensadores. Tradução de Joaquim José Moura Ramos (et al.). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017;

FERREIRA, Juliana Mesquita Hidalgo; MARTINS, André Ferrer Pinto Aula 11 Rupturas e Revoluções. **Disciplina História e Filosofia da Ciência**. Natal: SEDIS/UFRN, 2010

FERREIRA, Juliana Mesquita Hidalgo; MARTINS, André Ferrer Pinto. Aula 13 A ciência em oposição ao senso comum. **Disciplina História e Filosofia da Ciência**. Natal: SEDIS/UFRN, 2010

KUHN, Thomas. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

MARTINS, André Ferrer Pinto. **Concepções de estudantes acerca do conceito de tempo**: uma análise à luz da epistemologia de Gaston Bachelard. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

VIDAL, Diana Gonçalves; SILVA, José Cláudio Sooma. Intérpretes do passado e do presente: a arte dos historiadores da educação e arquivistas. **History of Education in Latin America – HistELA**, v. 3, p. 2-10, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/20951/12783>>. Acesso em: 29 jul. 2020.